

Coleção NÚMEROS POLÊMICOS

2 – A língua e o sexo – Quarto I – O problema (v2006)

O homem é um animal racional.
(Aristóteles)

Às vezes, a melhor introdução se faz na forma de uma pergunta. Portanto, lá vai: há algum erro nas duas frases abaixo?

99 professoras e um professor são mesmo uns privilegiados. Eles estão ganhando bem.

Embora soem estranhas – professores normalmente ganham mal em nosso país – não há nenhum erro gramatical nas frases. Mas alguma coisa parece não estar em ordem com elas. Afinal de contas, são uma, duas, três, quatro, cinco,..., noventa e sete, noventa e oito, noventa e nove professoras e somente um professor. Mesmo assim, o grupo de pessoas foi resumido por ‘uns privilegiados’. Daí vem uma segunda pergunta: será que também poderíamos denominar esse grupo como umas privilegiadas?

Segundo a concordância-padrão da língua portuguesa* – a resposta é um sonoro não. Pois ainda que o sujeito de uma frase seja composto por muitos e muitos elementos femininos e apenas um único elemento masculino, este sujeito deve concordar com o gênero masculino. Logo:

- 999 advogadas e um advogado são 1.000 advogados
- 9.999 engenheiras e um engenheiro são 10.000 engenheiros
- 99.999 médicas e um médico são 100.000 médicos

* Também conhecida como concordância gramatical e como concordância lógica.

E tem mais. O elemento masculino do sujeito composto não precisa ser um homem adulto, nem mesmo um homem, para determinar o gênero do sujeito composto. Assim:

- 999.999 meninas e um garoto são uns privilegiados
- 9.999.999 mulheres e um boneco são uns privilegiados
- Todas as falantes do português[†] e um cachorro são uns privilegiados???

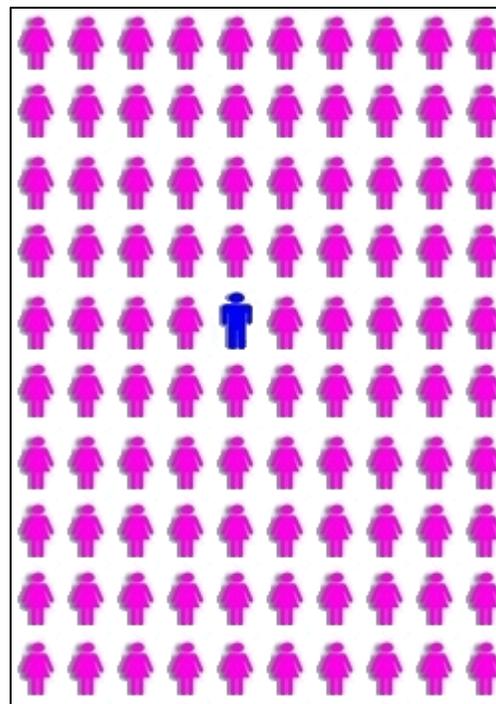


Figura 2I-1 – Um homem em meio a 99 mulheres

Bom, quanto ao melhor amigo do “homem” não se sabe, mas as mulheres que se comunicam no idioma de Camões e Machado de Assis não têm lá muitos motivos para se considerarem tão privilegiadas assim. Pelo contrário. Elas parecem sumir em todos os grupos mistos. Este é o problema: enquanto nós concordarmos sujeitos majoritariamente femininos sempre no masculino, as mulheres continuarão a fazer parte de um **gênero recessivo** na língua portuguesa.

[†] Grupo que inclui mais de 110 milhões de mulheres, das quais 95 milhões são brasileiras, 5,5 milhões são portuguesas, 6,0 milhões são angolanas, 3,5 milhões são moçambicanas e algo em torno de 1,5 milhões de mulheres em Guiné-Bissau, Timor-Leste, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Fonte: CIA World Factbook 2006.

Sim, gênero recessivo! Infelizmente, esta expressão não é um exagero. ‘Gênero recessivo’ mostra, na medida certa, quão distorcida é a concordância-padrão e quão distante ela se encontra da realidade de uma sociedade moderna. Será este o caso das sociedades brasileira e portuguesa? O mais irônico nisto é que a “lógica” que produz um gênero recessivo continua firme e forte em pleno século XXI. Pois, pertencer ao gênero recessivo é muito pior do que pertencer ao “sexo* frágil”. Pelo menos o preconceituoso chavão “sexo frágil” subentende que várias mulheres juntas poderiam se igualar a um homem. Já em ‘gênero recessivo’, nem isto é possível.

Mas o mais surpreendente é que as falantes do português não são os únicos prejudicad@s† com a recessividade do gênero feminino na concordância-padrão. Os homens também perdem muito. Isto nós acompanharemos ao longo das próximas páginas. Por hora, vale a pena observar mais de perto a insuspeitada semelhança entre a gramática e o campo da genética, que nos permite compartilhar termos e modelos lógicos.

O PARADIGMA DOMINANTE-RECESSIVO

Originalmente, recessivo é um termo usado para denominar um gene, cujos efeitos são perceptíveis somente quando todos os outros genes do grupo também são recessivos. Para que o recessivo e seus “irmãos” caracterizem o organismo que os abriga é necessário que todos no grupo‡ sejam do mesmo tipo.

* Qual é a diferença entre os termos “sexo” e “gênero”? E entre “gênero” e “gênero”? Veja mais na *Curiosidade 2A* ao final deste Quarto de capítulo.

† O arroba ‘@’ (em letra reduzida) é usado neste ensaio para indicar que *prejudicad@s* é abreviação de “prejudicados e prejudicadas” e de “prejudicadas e prejudicados”. Abreviações com o ‘@’ são equivalentes, porém mais compactas e imparciais do que aquelas com a barra ‘/’ (prejudicados/as). Veremos mais sobre isto no Quarto II.

‡ Diferente dos elementos de um sujeito composto – que podem estar em um número arbitrariamente grande – grupos de genes têm tamanho fixo e são

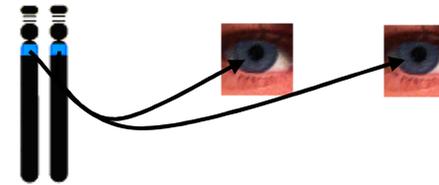


Figura 2I-2a – Todos os dois genes recessivos determinando olhos claros

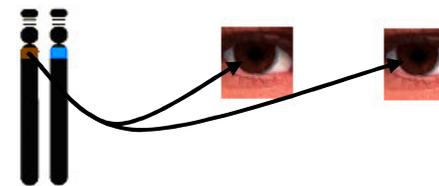


Figura 2I-2b – Um só gene dominante determinando olhos castanhos

Isto é, que sejam recessivos. Nos seres humanos, genes recessivos são responsáveis – entre muitas outras características – por olhos azuis.

Porém, basta que apenas um gene dominante esteja entre recessivos para mudar a situação. Sempre que isto acontece, não percebemos a presença dos genes recessivos no organismo que os abriga. É como se o dominante os “dominasse”. Um único dominante no grupo já é

suficiente para esta mudança no fenótipo. Por exemplo, o gene que define olhos castanhos é dominante na espécie humana. Um só gene de olhos castanhos nas células de uma pessoa faz com que o indivíduo tenha olhos castanhos^{§ii}.

De forma análoga a um gene dominante, um único elemento masculino basta para mudar o gênero de um pedaço

pequenos. Em nossa espécie e na maioria dos animais, os genes andam em duplas. Outros organismos têm trincas, quádruplas, ..., até dúzias de genes com a mesma função (loci). Mas não passa disto.

§ A dicotomia olhos castanhos X olhos azuis é uma simplificação, mas há bem mais sobre a genética da íris. Até agora foram descobertos 3 pares de genes que definem a cor dos olhos. No primeiro, o alelo dominante é o castanho. O alelo dominante no segundo é o verde. Só que o castanho é “dominante” sobre o verde. Para se ter olhos verdes é necessário ser recessivo ao castanho. Já, para se ter olhos azuis, os genes dos dois pares devem ser recessivos. No terceiro par de genes, o dominante produz um castanho apenas na parte central da íris. Provalvemente, este só pode ser observado nas pessoas recessivas ao castanho e ao verde.

de frase*. É como se ele dominasse um número arbitrário de elementos femininos. Voltando ao primeiro exemplo do capítulo:

Um professor e 99 professoras são privilegiados (e não privilegiadas)†

Mas param por aqui as semelhanças entre a genética e a gramática na utilização do paradigma dominante-recessivo. Até porque a gramática é muito sexista. Não há nenhum recessivo na sua principal concordância. Só recessivas. Simetricamente, não há nenhuma dominante na concordância-padrão – somente dominantes masculinos.

A genética, neste aspecto, é muitíssimo mais livre e igualitária. Livre porque não há nada que impeça que homens sejam recessivos nem mulheres de serem dominantes quanto a imensa maioria dos genes. Por exemplo, um homem pode ter olhos claros. O oposto também é verdadeiro. Uma mulher pode ter olhos escuros. E a chance do futuro filho ou filha de um casal sair com uma determinada cor de olhos é a mesma, independente do sexo da criança‡.

* Chamamos esses pedaços de frase – palavras que juntas formam uma unidade sintática – de **sintagmas**.

† Na verdade, não importa o número de professores homens. Pode ser um, dois, três, ou mesmo, zero. A palavra que determina o gênero do sujeito é o substantivo masculino ‘professor’. Tanto que a frase – *Nenhum professor e 100 professoras são privilegiados* (e não privilegiadas) – também está correta segundo a concordância-padrão.

‡ Os 3 genes que determinam a cor dos olhos e a imensa maioria dos outros genes se localizam nos 44 autossomos (cromossomos não-sexuais)

CONCORDÂNCIA LÓGICA?

Uma última e importante diferença entre a genética e a gramática está no fato de que a recessividade não é necessariamente uma desvantagem na genética. De fato. Os detentores e as detentoras de um par de olhos azuis podem até levar vantagem no jogo da sedução em regiões do mundo onde a maioria da população tem olhos castanhos. Inclusive, em grande parte do Brasil.

Por outro lado, ser recessiva na concordância-padrão – lembremos, não há recessivos, somente recessivas – é indubitavelmente uma desvantagem histórica para as mulheres. Mas para que isso fique claro, nós precisamos analisar a condição feminina em um contexto mais amplo. Pois, a recessividade feminina é apenas uma das facetas da **milénar cultura de restrições na vida das mulheres**.

Lenta, mas progressivamente, a milénar cultura de restrições está sendo abolida da face da Terra. Algumas de suas facetas já caíram por terra nos países ocidentais. Um exemplo é a virgindade obrigatória para as jovens antes do casamento, que deixou de ser uma obrigação, mais ou menos, com a popularização da pílula anticoncepcional. Outra restrição que também está sendo continuamente desmistificada é o conceito de profissões impróprias às mulheres. Repare: hoje em dia, mulheres podem até ser pedreiras e motoristas de táxi e de ônibus se assim o desejarem.

Mas apesar dos avanços feministas no intuito de abolir esta milénar cultura de restrições, a recessividade absoluta do gênero feminino na concordância-padrão continua firme, forte e (quase) inquestionável, tanto que os livros e websites de gramática ainda denominam esta concordância também como **concordância lógica**.

Diga-se de passagem, que a designação “lógica” é de gosto mais do que duvidoso. Além de insinuar que as outras concordâncias do português – i.é., a concordância ideológica e a

concordância atrativaⁱⁱⁱ – seriam menos lógicas, ela deixa a entender que é “lógico” que as mulheres fiquem em segundo plano na presença de qualquer elemento masculino*.

Surpreendentemente, até péssimas escolhas de nomes têm alguma utilidade. *Concordância lógica* ilustra quão influente foi (e ainda é em menor grau) outra “lógica”: a da inferioridade feminina. Embora digam que a Idade das Trevas terminou há pelo menos uns quinhentos, seiscentos anos^{iv}, isto só é válido de um ponto de vista exclusivamente masculino. Sob a ótica da igualdade de direitos entre mulheres e homens, ainda não saímos completamente da escuridão. Ruim não só para elas, mas para eles também.

DE VOLTA AO PASSADO

Vamos imaginar, por um momento, que dispomos de uma máquina capaz de viajar no tempo. Com essa máquina, podemos matar a curiosidade e observar a participação feminina nas sociedades de língua portuguesa, em épocas cada vez mais remotas. Nossa viagem começa no Brasil e se estende depois para Portugal.

E nesta viagem no tempo, anos passam em segundos. Mal atravessamos esse início do terceiro milênio e, logo, adentramos o século XX para acompanhar restrições cada vez maiores na vida das mulheres. Inclusive, no campo profissional. Não é necessária muita atenção para notar que elas vão ocupando menos e menos postos de trabalho, menos e menos postos de chefia, e até, menos e menos profissões. Isso mesmo. O leque de profissões “compatíveis com a natureza feminina” também se restringe conforme regredimos no tempo. Primeiramente, são as

* A concordância-padrão também é denominada como **gramatical**, mas esta é uma outra designação inadequada, pois sugere que a concordância-padrão seria a única estritamente de acordo com as regras gramaticais. O que não é verdade. A concordância atrativa também não deixa de ser “gramatical”.

profissões como motorista de táxi, de ônibus e pedreir@ – que já eram quase masculinas nos anos 2000 – que se tornam 100,00% masculinas. Depois é a vez de outras, como engenharia, advocacia e medicina^{†v}. Professoras, só as de primário^{vi}. E já no século XIX, nem isto.

A progressiva restrição na vida das mulheres também pode ser observada através da ausência de importantes conquistas sociais. Antes do final de 1977, não há mais divórcio^{vii}. Ao longo da década de 60, é a pílula contraceptiva que vai sumindo das farmácias. Quando chegamos em 1946, as mulheres já não são mais obrigadas a votar – até aqui uma boa notícia – mas elas perdem o direito ao voto[‡] em 1932^{§viii} (uma péssima notícia).

Entrando no século XIX, as mulheres perdem outro importante direito: o de estudar nas universidades. Esse marco trágico acontece em 1879. A partir de agora, o pensamento vigente é de que as mulheres precisam, no máximo, do primário. E o pior é que geometria também é considerada desnecessária na educação das meninas. Meninas precisam somente de poucas noções de aritmética e nada mais de matemática. O importante é elas saberem cuidar da casa, diz o decreto imperial de 15 de outubro de 1827 (claro, não com essas palavras).

† As duas primeiras engenheiras do Brasil foram Edwiges Maria Becker e Jovita Garcia de Souza, e se formaram, ambas, em 1919. Já, a primeira advogada a exercer a profissão foi Myrthes Gomes de Campos, em 1906. E a primeira de todas as médicas brasileiras foi Rita Lobato, formada em 1887.

‡ A questão do voto facultativo X voto obrigatório — tanto para mulheres quanto para homens — é discutida em profundidade no capítulo 0 – *O direito que você provavelmente não tem*.

§ Durante a elaboração da carta-magna de 1891, o Brasil poderia ter sido o primeiro país do mundo a conceder o sufrágio feminino. Porém, as propostas dos constituintes César Zama, Almeida Nogueira e Lopes Trovão não foram levadas a sério, e a conquista das mulheres ao voto foi adiada por “apenas” 41 anos. É a Nova Zelândia, o país que pode se orgulhar de ser pioneiro no sufrágio feminino (1893).

Mas por mais preconceituosa que a lei assinada por Dom Pedro I nos pareça hoje em dia, ela foi a primeira regulamentação do ensino brasileiro. Tanto que o 15 de outubro se tornou o dia do professor/a*. Porém, o decreto imperial não garantiu o ensino primário para todos os meninos e meninas. Escolas só precisavam ser construídas em cidades e vilas “suficientemente populosas”, um conceito nada preciso e que fazia a educação ser dependente da boa ou má-vontade de burocratas^{ix}.

Com pouco ou nenhum acesso à escola, as mulheres se tornam cada vez menos conscientes de suas potencialidades e também ficam mais conformadas com as condições femininas, “naturalmente” cheias de restrições^x. Logo, não é de se estranhar que os papéis na sociedade reservados a elas vão se reduzindo a não mais do que donas-de-casa, prostitutas, parteiras, camponesas, freiras e escravas à medida que atravessamos o século XIX do final para o seu começo.

Ao entrarmos no século XVIII, não há mais mudanças significativas na vida das mulheres. O que muda é que o Brasil – agora uma colônia portuguesa – é habitado por poucos falantes da nossa língua. Por isso, em algum ponto entre 1770[†] e 1700^{xi}, nós deslocamos a máquina do tempo da colônia para a metrópole Portugal, porque lá encontramos um número consideravelmente maior de pessoas se comunicando em português.

Mas a travessia do Atlântico não traz surpresas. O que constatamos é que a vida das portuguesas não deixa de ser parecida com a das brasileiras. Seus papéis na sociedade também se restringem a não muito mais do que dona-de-casa, prostituta, parteira, camponesa e freira. A única diferença notável se dá no

* Quinze de outubro só começou a tornar-se dia do professor/a em 1947 – mais de um século após Dom Pedro I ter assinado o referido decreto. Em 1963, a data foi oficiada como feriado escolar no Brasil inteiro.

† As estatísticas populacionais no século XVIII são muito imprecisas, mas deveria haver entre um milhão e meio e 2,5 milhões de pessoas no Brasil em 1766 entre e 1770. Sessenta ou setenta anos antes, o número de habitantes se reduziria consideravelmente para uns 300.000.

número reduzido de escravas. Mas que havia escravidão nas terras do aquém-mar, isso havia – ainda que este seja um assunto pouco comentado nos livros de história^{xii}.

De escravas para servas. Essa é a maior mudança na vida de muitas falantes do português quando atravessamos os séculos XVII, XVI, XV, XIV, XIII e XII. No mais, a participação feminina continua limitada à casa, à maternidade, à terra e a servir o homem na cama. Todos os outros papéis da sociedade são predominantemente masculinos ou exclusivamente masculinos. São homens os cientistas, os navegantes, os desbravadores, os senhores, os guerreiros, os apaziguadores, os sacerdotes, os bispos, os cardeais, os escribas, os monges-copistas, bem como os comerciantes, os ferreiros, os pedreiros, etc.

Quando chegamos em 1139, Portugal perde o status de país independente para se transformar num condado, pertencente ora a um, ora a outro reino ibérico^{xiii}. É mais ou menos nesta época que as diferenças entre o português e galego desaparecem. Daqui para trás, ambos farão parte de um único idioma – o protogalego-português (século XII a IX). Vale a pena notar, todavia, que a vida limitada das mulheres é bem mais antiga do que o protogalego-português e do que o seu antepassado – o românico lusitano (século IX a V). Aliás, a cultura de restrições já acompanha a vida feminina no tempo em que a península Ibérica fez parte do domínio romano. A primeira invasão romana na península ocorreu há mais de dois séculos antes de Cristo. Mais precisamente em 218 a.C^{xiv}.

E a dominação romana foi longa e intensa em todos os territórios que elas ocuparam. É por isso que o português, o espanhol, o galego, o francês e o italiano e mais algumas dezenas de idiomas românicos^{xv} compartilham não só muito de seu vocabulário, mas também estruturas gramaticais. Ainda assim, a cultura de restrições à vida das mulheres consegue ser mais antiga do que o latim. Ela já estava presente no Grécia de Aristóteles^{xvi} (século IV a.C) e Aristófanes^{xvii} (século V a.C) e no tempo em que o Antigo Testamento foi escrito.

ANDROCENTRISMO É, NO FUNDO, ANDROCRACIA

Agora vem o propósito da viagem no tempo: explicar a concordância-padrão se torna mais fácil quando observamos quão centradas nos homens eram as sociedades brasileira, portuguesa, pré-portuguesa*, romana, grega, etc. Pois, uma vez que as mulheres estavam presas ao trio **casa-cama-maternidade**, todos os outros papéis da sociedade eram predominantemente masculinos ou exclusivamente masculinos.

‡E como chamar essa visão de mundo, na qual os homens seriam os agentes ativos e as mulheres estariam na periferia da sociedade? Podemos denominá-la como **androcen-trismo**. ‘Andro’ é o prefixo grego para homem‡.

‘Andro’ + ‘centrismo’ = o homem no centro do universo

Lentamente, ao longo de várias décadas, estamos deixando de viver em um mundo androcêntrico. Mulheres ocupam mais e mais postos de trabalho, em número cada vez maior de profissões. Porém, esta mudança ainda não foi percebida nos dicionários brasileiros da língua portuguesa. Tente, por exemplo, encontrar a palavra *escritora* no Aurélio ou no Houaiss^{xviii}. Ela não consta destes dicionários. A forma-padrão *escritor* consta. O gênero-padrão é o masculino.

* Nessa simplificação, incluem-se os povos, os distritos, os condados que existiam no atual território português e próximo a ele, no período anterior à autonegação de D. Afonso Henriques como o primeiro rei de Portugal em 1139 e posterior às primeiras invasões “bárbaras” da Península Ibérica, a partir de 409 (d.C).

† Símbolo emprestado do espanhol, usado neste ensaio para marcar o início de perguntas longas.

‡ O homem como o ser humano do sexo masculino. O prefixo grego para ser humano (homem e mulher) é ‘antropo’. Já, o prefixo grego para mulher é ‘gineco’.

Ops...Desculpe-me o erro ortográfico. Mas confundir “padrão” com “patrão” não é difícil. Ambos derivam da palavra latina *patronus* Quem não pertence ao “padrão”, faz parte do gênero “exceção”.

Contudo, por mais atrasados que estejam os dicionários brasileiros, eles apenas retratam uma realidade que foi válida durante milênios. Até há “somente” uns 100, 150 anos, as mulheres eram realmente uma exceção no conjunto dos escritores. E uma ou outra exceção feminina não abalava a regra. Inclusive, porque era considerada uma “honra” para uma mulher “ser tão valorosa quanto um homem”.

Acontece que a figura masculina não era só o centro do universo – este último, por sinal, girava em torno da Terra até Nicolau Copérnico desmentir um outro “centrismo”: o geocentrismo – a figura masculina também estava num patamar mais elevado do que a periférica figura feminina. Ficar em pé de igualdade com os homens, mesmo que apenas no sujeito de uma frase, era uma “dignidade” reservada a poucas.

É importante notar que o androcen-trismo esconde um outro aspecto histórico: Mulheres eram propriedades de seus homens – senão de seus maridos, pelo menos de seus pais. E eles mandavam e desmandavam nelas. Mesmo mulheres muito poderosas como as rainhas deviam obediência ao rei. Na outra ponta do espectro do poder, até um servo ou um escravo do sexo masculino poderia mandar em um outro ser humano. Adivinhe quem? Sim, a mulher dele.

Denominamos esta forma de se estruturar uma sociedade por **androcracia**. O sufixo grego ‘cracia’ pode ser interpretado como força, poder, autoridade.

‘Andro’ + ‘cracia’ = o poder somente nas mãos dos homens

CONJECTURAS SOBRE A ORIGEM DA ANDROCRACIA

Embora saibamos que a androcracia antecede Cristo em

vários séculos, ainda não há consenso de quando ela começou. O que temos praticamente a certeza é de que ela se consolidou de forma gradual. Segundo a Dra. Gerda Lerner, uma das maiores autoridades em História das Mulheres, a androcracia que teria surgido no Oriente Médio e levou uns 1.500 anos para tomar forma e se espalhar pelo mundo “civilizado”.

Mas no tempo em que o Antigo Testamento foi escrito, ela já era componente indissociável da sociedade hebraica. E a visão androcêntrica continuou no Novo Testamento e em textos teológicos posteriores. Deus é citado sempre no masculino – também com os sinônimos Senhor, Pastor e Pai – apesar da Onipotência Dele estar acima da questão sexual.

Por volta de 600-500 a.C., todas as sociedades do mundo “civilizado” já eram demasiadamente androcáticas. E assim permaneceram até o final do século XIX. Desta maneira, não é de se espantar a onipresença da androcracia também nas culturas grega e romana, que junto com a religião judaica e a cristã, marcaram profundamente todo o mundo ocidental^{xix}.

Ainda que a androcracia pareça muito antiga de acordo com a Dra. Lerner, teorias como a hipótese Kurgan* de Marija Gimbutas colocam seu início ainda mais para trás. Há 6 ou 7 mil anos, os primeiros povos indo-europeus começaram a expandir seus territórios, subjugando outros povos e legando-os língua e costumes androcáticos. Neste processo muito lento – que atravessou milênios – mas progressivo, os indo-europeus invadiram vastas áreas da Índia e quase toda a Europa. Daí a designação “indo-europeu”.

Aliás, o legado linguístico é um dos melhores indícios que temos sobre os indo-europeus/éias. Apesar de enormes distâncias, há muitas semelhanças entre idiomas como o sânscrito (Índia), o persa (Irã), o hitita (Anatólia, atualmente

* Kurgan (кyprán) é a palavra russa para túmulo. A palavra foi usada por Gimbutas em 1956 porque, segundo ela, os indo-europeus já enterravam seus mortos em túmulos e também porque o provável local dos primeiros indo-europeus seria próximo ao rio Volga, na Rússia.

Turquia[†]), o grego antigo, o latim e o protogermânico[‡]. Provavelmente, todas as línguas acima descendem de uma só. Não é fácil, entretanto, conhecê-la a fundo porque essa língua-tataravó – mãe da mãe da mãe ... da nossa língua-mãe – antecede a invenção da escrita. Em milênios.

E fica a pergunta: quem está mais perto da verdade sobre a origem da androcracia: Gerda Lerner ou a Hipótese Kurgan? Apesar das divergências, essas e outras teorias reforçam três pontos importantíssimos:

1. Alguns milhares de anos foram suficientes para que a androcracia estivesse disseminada e enraizada o suficiente para ter moldado tanto visões de mundo quanto idiomas.
2. Alguns milhares de anos é um período muito breve se considerarmos a evolução dos hominídeos (6-7 milhões de anos) e da espécie humana (200 mil anos)^{xx}. Desta maneira, a androcracia é um fenômeno cultural, e não intrínseca à natureza humana.
3. O ser humano é capaz de criar, recriar culturas – mesmo as milenares. Temos o poder de mudar scripts pré-estabelecidos e, assim, legar um futuro melhor às próximas gerações. Basta querermos.

CONQUISTAS FEMINISTAS PARA O BEM DOS HOMENS

Qualquer cultura é uma invenção humana, e como tal, não é eterna. Não há nada que impeça de se questionar os valores de uma cultura. É isso que se sucede com a cultura androcática nos países ocidentais^{xxi} desde o final do século XIX. No Brasil, é a partir dos anos 20 que ela começa a ser demolida com os movimentos em favor do sufrágio feminino^{xxii}. Outra batalha

[†] Também conhecida como Ásia Menor, hoje parte da Turquia. OBS: os idiomas anatólicos, entre eles o hitita, estão todos extintos.

[‡] Ancestral comum ao inglês, alemão, sueco, holandês, dinamarquês e outras línguas

vencida nesta guerra contra a *cultura de restrições na vida das mulheres* veio com a popularização da pílula contraceptiva, na década de 60.

E é com a pílula contraceptiva que nós observamos um fenômeno muitíssimo interessante. A abolição de restrições na vida das mulheres implica também em uma libertação dos homens. Se por um lado, elas ganharam a possibilidade de adiar a maternidade em prol da realização profissional, por outro, eles se desvincularam da obrigação de serem os únicos provedores do sustento familiar. Mais do que nunca, mulheres e homens tornaram-se livres para não precisarem casar com quem se tem relações sexuais – e desde que a lei do divórcio entrou em vigor no dia 26 de dezembro de 1977 – nem de se permanecer casad@ quando o sexo sumiu da relação^{*xxiii}.

Outra restrição na vida das mulheres que tem sido gradualmente eliminada – e que também resulta em uma libertação masculina – ocorre no campo profissional. A inserção feminina em profissões antes consideradas como masculinas abriu espaço para que os homens também se candidatassem a postos de trabalho “femininos”, se assim o desejarem.

¿Quem saiu ganhando com o fim das restrições de gênero? Toda a sociedade. Mais profissionais trabalham no que gostam e não no que a cultura androcática lhes impõe. Sem empecilhos para ocupar essa ou aquela vaga, ganham não só trabalhadoras, mas também empresas. O Brasil cresce social e economicamente. E tem mais. Livres dos papéis definidos por aquela milenar cultura de restrições, os brasileiro@s tornam-se cidadãos/ãos menos egoístas[†]. Amor não é só ao próximo. A próxima também merece ser amada.

* Um dado curioso sobre divórcio: Portugal avançou nesta questão muito antes da sua antiga colônia. A lei de divórcio portuguesa é de 1910.

† “Cidadãs e cidadãos”. Por ser mais curta, a versão feminina da palavra (cidadãs) vem antes da masculina (cidadãos). Veremos mais sobre isso no *Quarto III – Íntimos detalhes*, a ser lançado em breve.

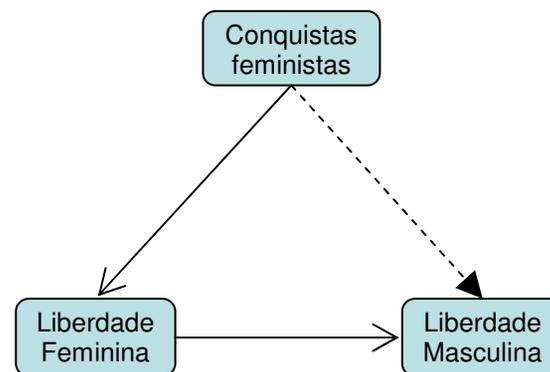


Figura 2I-3a – Consequências diretas e indiretas das conquistas feministas

Como toda restrição androcática abolida é um grau a mais de liberdade para as mulheres... E como liberdades para elas implicam em liberdade para eles... Os homens também têm muito a ganhar com a abolição da cultura androcática. Inclusive, com a abolição dos elementos androcáticos em nosso idioma.

O MITO “HOMEM SEMPRE FORTE, MULHER SEMPRE FRÁGIL”

Acabamos de constatar que o fim das restrições androcáticas traz mais liberdade para os homens, ainda que indiretamente. Agora veremos que o fim da androcracia os beneficia também de forma direta. Basta eles notarem que o mito “**homem sempre forte**” é uma prisão sem paredes. Uma vez conscientes de que não precisam ser sempre fortalezas humanas, os homens do século XXI adquirirão (e já estão adquirindo) um grau de independência inimaginável às gerações que os antecederam.

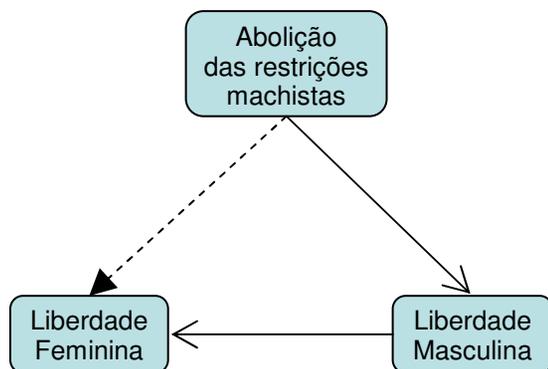


Figura 2I-3b – Consequências diretas e indiretas da abolição das restrições machistas

Mas esta é uma luta árdua e longa para o gênero masculino. Muitos dos homens ainda não conseguiram enxergar a prisão sem paredes. Especialmente encarcerada está uma espécie deste gênero chamada de *Homo latinus*. Podemos destacar a subespécie desta espécie a qual temos mais contato: o *Homo latinus brasiliensis*. Observe algumas das restrições impostas pela cultura androcática a esta subespécie, que habita do Caburá* ao Chuí:

“Homem que é homem:

- Não rebola
- Não mostra emoções em público
- Não bebe drinks com “guarda-chuvinha”
- Não usa creme para pele (nem filtro solar)
- Não tem um gato como bicho de estimação
- Não tira a camada de gordura da carne antes de comê-la
- Deixa que a mulher cuide sozinha dos filh@s

* É o Monte Caburá e não o Oiapoque, o ponto mais setentrional do Brasil. Veja mais sobre isto em *13,72 ou mais – Quero morar em Roraima*

Quem não segue a cartilha, não é homem com H (agá maiúsculo)”.

Claro que as restrições acima, e outras mais, acabam por prejudicar os indivíduos *Homo latinus brasiliensis*. Por causa do medo de se tornarem “menos homens”, muitos senhores com mais de 40 anos não fazem o exame de próstata, embora um diagnóstico precoce deste tipo de câncer seja capaz de curar mais de 90% dos casos^{xxiv}.

Outro problema que o *Homo latinus brasiliensis* enfrenta por acreditar na dicotomia “**homem sempre forte X mulher sempre frágil**” também está relacionado com a idade. Enquanto o “sexo forte” se aposenta por idade com 65 anos, o “sexo frágil” tem o direito de se aposentar cinco anos antes, aos 60. Mas a natureza não privilegia os homens neste contexto. Pelo contrário. Na questão da longevidade, eles é que são frágeis.

A expectativa de vida de um brasileiro (homem) ao nascer é de meros 68 anos e 2 meses. Por sua vez, a expectativa de vida de uma brasileira recém-nascida é de 75 anos e 10 meses^{†xxv}. Juntando a desproporção da lei com a desproporção da natureza, notamos que a diferença entre os sexos é brutal. Só que a favor delas:

† As expectativas de vida do IBGE são de 2005 e foram calculadas também para outras faixas etárias além dos recém-nascid@s. Abaixo, a expectativa de vida para quem acabou de completar décadas de vida, em anos (A) e meses (M):

Anos já vividos	20	30	40	50	60	70
Expectativa homens	71A05M	72A10M	74A05M	76A05M	79A02M	83A02M
Expectativa mulheres	78A03M	78A08M	79A04M	80A05M	82A04M	85A03M

USUFRUTO DA APOSENTADORIA

Homens	Mulheres
68 anos e 02 meses	75 anos e 10 meses
- 65 anos	- 60 anos
-----	-----
3 anos e 2 meses	15 anos e 10 meses

Acabar com o mito homem sempre forte também é uma questão de sobrevivência e de respeito às futuras gerações porque o rombo no caixa da previdência social já tem um tamanho vergonhoso. E olha que a população brasileira ainda é considerada jovem. Coitados dos futuros aposentados brasileiro@s!

Se você é “menor de quarenta anos”, ou mesmo < de 50 anos, é melhor se preocupar com o cenário sombrio. O já arrombado caixa da Previdência será muito pouco para atender um país com mais e mais velh@s em relação ao número de crianças e jovens*.

Fora da esfera previdenciária, os benefícios que a liberdade masculina traz às mulheres são perceptíveis em um tempo muito menor, pois eles estão cada vez mais propensos a ajudar na limpeza da casa e a ter um papel ativo na criação dos filh@s, inclusive trocando a fralda do bebê. Outra vantagem para as mulheres: homens libertos da androcracia também têm uma aversão menor por discutir a relação.

* Em princípio, mulheres e homens deveriam se aposentar com a mesma idade e/ou mesmo tempo de contribuição. Porém, a questão da aposentadoria no Brasil é mais complexa e envolve pensões privilegiadas para funcionários públicos, os recorrentes desvios de verba – um eufemismo para **roubo** – que acontecem com o caixa do INSS e a não-contribuição por parte dos trabalhadores informais. (Está aí outro eufemismo. Informalidade é, na verdade, **ilegalidade consentida**). A questão previdenciária merece ser aprofundada num futuro ensaio, intitulado provisoriamente como *60; 65; 67; 70; 62,5?*.

COMPLETANDO A FIGURA

Reunindo as conquistas femininas com a abolição das restrições machistas, temos:

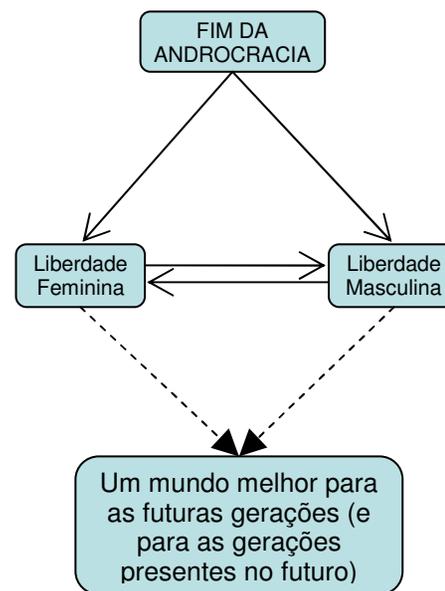


Figura 2I-3c – Consequências diretas e indiretas da abolição da androcracia

É fácil observar que os costumes de uma sociedade influem na língua por ela utilizada. Mas será que o caminho inverso – a língua influenciando os costumes e a própria sociedade – também é verdadeiro? A resposta você confere no decorrer dos próximos Quartos.

(O Quarto II se encontra em <http://NumPol.com/br/pdf/2II.pdf>)

FIM DO QUARTO I?

CURIOSIDADE 2A – SEXO, GÊNERO E GÊNERO

De uma maneira mais informal, “sexo” e “gênero” podem ser usados como sinônimos para distinguir os homens das mulheres e vice-versa. Dependendo do contexto, porém, esses dois termos deixam de ter significados parecidos.

Sexo refere-se à diferenciação biológica entre mulheres e homens, incluindo aí as diferenças genéticas, hormonais e anatômicas. Quanto a **gênero**, esta palavra está associada aos papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres. Conforme observamos ao longo deste Quarto de capítulo, os papéis de ambos os gêneros têm sido objeto de grandes transformações desde o final do século XIX. E não há previsão de que tais mudanças cessem para o bem de tod@s*.

Além da definição acima, **gênero** também é usado nas duas partes deste capítulo como a classificação das palavras em feminino e masculino. Essa classificação está ligada à outra definição de gênero e a de sexo – homens são referidos normalmente no masculino e as mulheres, no feminino. É por isso que a importância do gênero das palavras ultrapassa os domínios da linguística.

Discutir a dominância das palavras masculinas sobre as femininas na concordância-padrão é discutir também conceitos ultrapassados sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens. Não devemos nos esquecer da seguinte máxima – apesar de a concordância-padrão do português nos induzir a tal esquecimento:

Qualquer pessoa merece ser tratada de forma digna, independente de seu sexo biológico ou das convenções da sociedade na qual ela vive.

* Continuaremos a acompanhar no *Quarto II – A Solução* que, quanto menos elas e eles estiverem pres@s aos papéis culturais, maior é o potencial de realização para amb@s.

SAIBA MAIS

ⁱ Wikipedia – English – Polyploidy

<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Polyploidy&oldid=218072939>

ⁱⁱ Science Education on the Web – Athro, Limited

<http://www.athro.com/evo/gen/inherit1.html>

The Genetics of Human Eye Color – Computational and Genome Biology Initiative

<http://www.seps.org/faq/eyecolor>

ⁱⁱⁱ Português – Gramática da Língua Portuguesa – Concordância

<http://www.portugues.com.br/sintaxe/concordancia.asp>

Brazilian Portuguese – Concordância – Tipos de Concordância

<http://www.brazilianportugues.com/index.php?idcanal=210>

^{iv} Wikipedia – Dark Ages

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Dark_Ages&oldid=87232272

^v CREA-SC – Mulheres da engenharia

http://www.crea-sc.org.br/divulgacao/artigo_tecnico/artigo_05.php

Instituto dos Advogados Brasileiros – História do IAB

<http://www.iabnacional.org.br/iabhist.html>

Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial vol. 39 no. 1

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-24442003000100001

^{vi} FCAA – A trajetória da mulher na ótica da história

http://www.fcaa.com.br/sitenovo/noticias/lernoticia.asp?retorno=listamaisnoticias.asp&cd_noticia=5

^{vii} A “lei do divórcio” foi publicada no 26 de dezembro de 1977.

<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L6515.htm>

^{viii} *A Mulher e o Voto* por Antônio Sérgio Ribeiro

http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm

^{ix} Psicopedagogia Online – Como surgiu o dia do professor

<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=306>

OBS: o link dispõe do decreto de D. Pedro I de 1827

Wikipédia – Português – O dia do professor

http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Dia_do_professor&oldid=3549299

^x Women and History Part II – The Creation of Feminist Consciousness with Gerda Lerner, Ph.D.

<http://www.intuition.org/txt/lerner2.htm>

The Creation of Feminist Consciousness (A Criação da Consciência Feminista) – Gerda Lerner – Oxford University Press – 1994

^{xi} IBGE – Dados Históricos dos Censos

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/1550_1870.shtm

^{xii} O que a História de Portugal não conta: escravos em Portugal

<http://www.portugal-linha.pt/opiniao/CAlexandrino/cron5II.html>

^{xiii} Wikipédia – Português – Independência de Portugal

http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Independ%C3%Aancia_de_Portugal&oldid=4932507

^{xiv} Wikipedia – English – History of Portuguese

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=History_of_Portuguese&oldid=107698962

UFRN – A língua portuguesa – História – O período românico

http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/pt_2.2.php

Português – Gramática da Língua Portuguesa – História da Língua Portuguesa

<http://www.portugues.com.br/historia1.htm>

^{xv} Wikipédia – English – List of Romance Languages

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=List_of_Romance_languages&oldid=108966264

^{xvi} Wikipédia – Português – Aristóteles

<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arist%C3%B3teles&oldid=4945923>

^{xvii} Wikipédia – English – Aristophanes

<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Aristophanes&oldid=110948327>

^{xviii} Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11 – 2004

Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa – Versão 1.0.5a – Novembro de 2002

^{xix} Women and History Part I – The Creation of Patriarchy with Gerda Lerner, Ph.D.

<http://www.intuition.org/txt/lerner1.htm>

The Creation of Patriarchy (A Criação do Patriarcado) – Gerda Lerner – Oxford University Press – 1986

^{xx} Wikipedia – Deutsch – Homonisation

<http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Hominisation&oldid=27354037>

Wikipedia – English – Human Evolution

http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Human_evolution&oldid=106414456

^{xxi} Women and History Part II – The Creation of Feminist Consciousness with Gerda Lerner, Ph.D.

<http://www.intuition.org/txt/lerner2.htm>

The Creation of Feminist Consciousness (A Criação da Consciência Feminista) – Gerda Lerner – Oxford University Press – 1994

^{xxii} Renasce Brasil – Feminismo

http://www.renascebrasil.com.br/f_feminismo2.htm

Wikipédia – Português – Feminismo no Brasil

http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminismo_no_Brasil&oldid=2627140

^{xxiii} Mulheres Portuguesa do século XX – História das Mulheres em Portugal

http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/Hist_mulheres_em_portugal.htm?%23topo

^{xxiv} Prevenção de Câncer – Câncer de Próstata

http://www.prevencaodecancer.com.br/003_i.htm

^{xxv} IBGE – Tábuas Completas de Mortalidade – 2005

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/2005/>

OBS: aos 10 anos, homens têm a expectativa de vida de 78A00M e as mulheres, 80A10M